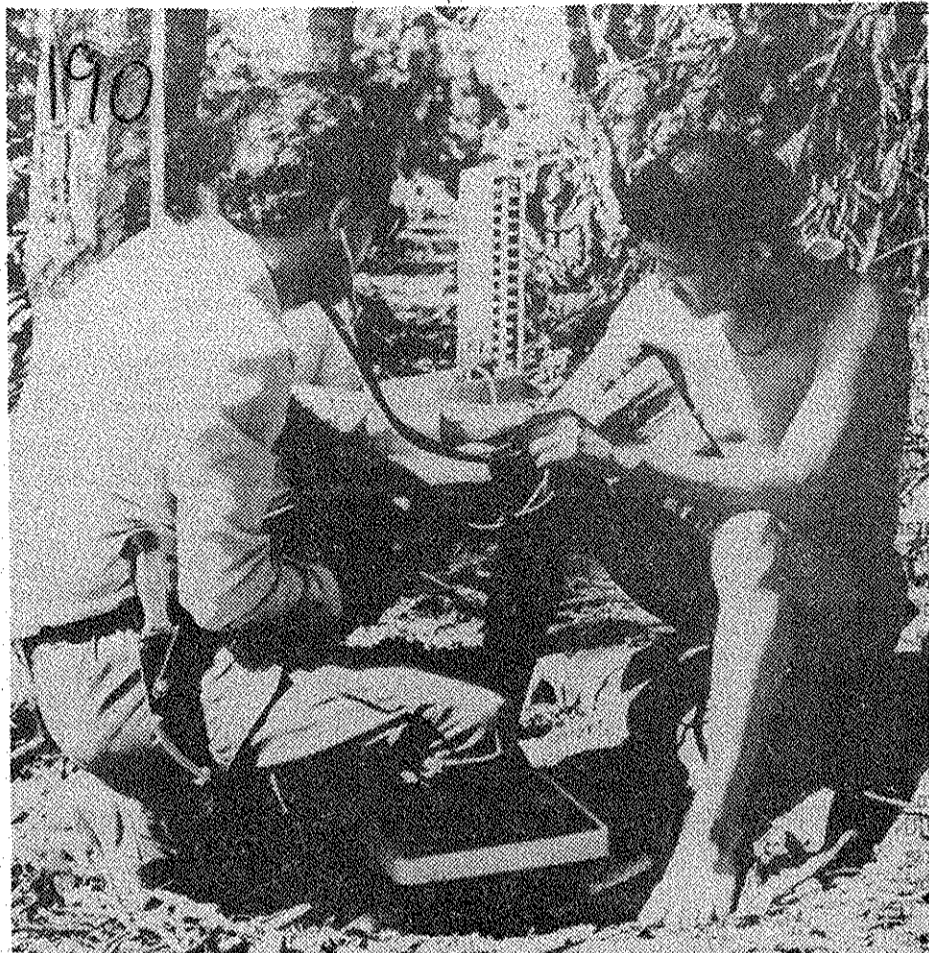


Reprodução



Mancilha, na serra do Surucucu, mede a pressão de um Yanomai

Médico acha o único grupo sem hipertensão no mundo

Luciana Villas-Bôas

Alegres, expansivos e avessos ao uso de sal na comida, os índios Yanomami — a maior e mais primitiva tribo do continente americano — formam hoje o único grupo social conhecido no mundo que não tem doentes de hipertensão arterial — a popular pressão alta. A descoberta é do cardiologista Jairo Mancilha, que há 10 anos pesquisa a incidência da hipertensão — mal que atinge 16% dos brasileiros e é o principal fator de risco das doenças cardiovasculares — em diferentes grupos sociais e profissionais.

Para realizar a tese de doutorado em Medicina, defendida este mês na UFRJ, Estudo da pressão arterial de índios Yanomami, Mancilha, 39, passou dois meses entre eles, em Roraima, observando-os e submetendo-os a exames. Ao contrário do que vira, durante pesquisa para tese de mestrado, entre os índios Terena, em Mato Grosso do Sul, que têm 7% de hipertensos, o cardiologista descobriu uma tribo completamente livre da pressão alta.

Ritmo

— Os Terena estão há muito tempo em contato com os brancos, que os influenciam não só nos hábitos alimentares, mas no ritmo de vida, que é tenso, cheio de stress, sob a ameaça da perda das terras e do trabalho como bóias-frias — constata Mancilha. “Já os Yanomami tiveram contato com a civilização branca apenas durante um curto período, entre 1974 e 1976, quando foi construída a rodovia Perimetral-Norte, logo abandonada. Esse isolamento parece determinante para a porcentagem zero de hipertensos entre eles”, afirma.

Os Yanomami vivem entre o Brasil e a Venezuela, oito mil de cada lado da fronteira, em 320 aldeias espalhadas numa área de 250 mil quilômetros quadrados. Semínôades, têm instrumentos de pedra lascada e se alimentam de raízes, frutos silvestres e pequenas caças, cuja carne perde a gordura no processo de secagem que realizam. Sua característica mais notável, porém, é a capacidade de exterminar todos os conflitos na hora exata em que eles surgem.

— Se, por exemplo, dois homens se interessam pela mesma mulher, partem, imediatamente, para uma briga corporal ou com grandes pedaços de pau, decidem a questão, terminam amigos e não guardam um pingão de rancor ou tensão — conta o cardiologista.

— Ao mesmo tempo, são muito afetuosos. Numa das aldeias que visitei, um adolescente Yanomami achou a minha rede muito bonita e, por isso, cismou que iria dormir comigo. Tive algum trabalho para explicar, sem ofender, que não gostava da idéia.

Dieta

Para Mancilha, no entanto, a ausência de tensão nas relações entre os Yanomami é apenas o segundo fator que explica a inexistência de hipertensos na tribo. O primeiro é a dieta alimentar que, ainda sem a influência do homem branco, não inclui qualquer tipo de sal.

Apesar da resistência de uns poucos índios a urinar dentro de um recipiente, Jairo Mancilha conseguiu fazer a análise clínica da urina de 254 deles, entre homens e mulheres acima de 14 anos, constatando doses mínimas de sódio — o elemento do sal que fica retido no

organismo. Além disso, não há obesos entre os Yanomami.

A hipertensão arterial — que é a pressão do sangue bombeado pelo coração para os vasos e artérias em níveis acima de 16 (máxima) por nove (mínima) cmHg (centímetros de mercúrio) — é uma doença que em 95% dos casos não tem causa primária definida. Dá a importância da pesquisa dos estilos de vida onde ela surge com maior ou menor frequência. Afinal, a pressão alta é a causa de 59% dos infartos e de 66% dos derrames cerebrais no Brasil.

Importância

— Esses dados ganham ainda mais importância quando se pensa que as doenças cardiovasculares, em 30 anos, passaram de 15% para 40% como causa de mortes no país, sempre à frente do câncer e ultrapassando as doenças infectocontagiosas — lembra o cardiologista.

Em 1977, Jairo Mancilha realizou com sete diferentes categorias sociais os mesmos testes a que submeteu os Yanomami no ano passado: eram médicos, oficiais da Marinha, praças da Marinha, trabalhadores rurais, operários de fábrica, presidiários e os índios Terena, num total de 1 mil 773 homens. Os resultados liquidaram a lenda de que pressão alta e infarto são coisas de rico. O grupo em que foi encontrado o maior número de hipertensos foi o dos presidiários, em 26%. Vieram em seguida os praças e os operários, com 17% de hipertensos. Por último, figuravam os médicos, os oficiais da Marinha e os índios Terena, com apenas 7% de casos de pressão alta.

Os Yanomami não só não têm hipertensão como — e nisso são, novamente, únicos no mundo — a pressão deles baixa com a idade. Entre eles, Mancilha visitou aldeias de duas regiões diferentes: na serra do Surucucu, onde só se chega de avião, elas distam sete horas de caminhada pela mata do posto da Funai mais próximo; às margens do rio Catrimani, as aldeias são um pouco menos inexpugnáveis ao homem branco. No Surucucu, é notável como a pressão dos índios declina com a velhice.

Envolvimento

— Usei como critério o conhecimento que tinham da língua portuguesa para avaliar o grau de contato com o branco, explica Jairo Mancilha. “No Catrimani, encontrei quatro índios capazes de falar alguma coisa de português e 40 que entendiam razoavelmente. Foi lá também que encontrei não hipertensos, mas índices um pouco mais altos de pressão arterial. No distante Surucucu, não há ninguém com mais do que 10 por seis cmHg.

Jairo Mancilha vai continuar envolvido com a pressão arterial dos Yanomami por mais algum tempo. Seus trabalhos despertaram o interesse de cardiologistas da Northwestern University, em Chicago, e ele foi convidado para integrar o projeto Intersalt, um estudo internacional da relação entre a ingestão e a excreção de sódio e a pressão arterial, em grupos humanos de 40 países, incluindo Japão, China, Paquistão, Estados Unidos, Rússia e Argentina. No Brasil, ele terá de colher toda a urina de 24 horas de centenas de Yanomami, que será analisada na Northwestern University e na London University.

— Os americanos estão particularmente interessados na urina dos Yanomami porque eles formam o único grupo, até agora detectado, que não ingere sal de espécie alguma.